

FEMINISMO, LUTA ANTI-RACISTA E BIOÉTICA

Fátima Oliveira*

Resumo

A ética da vida, bioética, nas últimas três décadas estabeleceu-se enquanto campo epistemológico multi e interdisciplinar e como movimento social. Nesse artigo é feita uma abordagem panorâmica da bioética (princípios, histórico, conteúdos temáticos), com ênfase nos dilemas atuais versus futuro da espécie humana; os direitos e responsabilidades da sociedade; os debates no feminismo e algumas considerações sobre ciência, ideologia, gênero, racismo e bioética.

O processo de popularização e até rotinização no emprego da palavra ética no mundo, data de, pelo menos, três décadas e vem adquirindo tal magnitude que temos a impressão que uma avalanche ética desabou sobre nós. Foi o *Watergate*, nos EUA; a *Operação Mãos Limpas*, na Itália; o *Movimento pela Ética na Política*, no Brasil etc.¹

Nos últimos quatro anos, a mídia brasileira vem utilizando exaustivamente a palavra ÉTICA, a tal ponto que já é senso comum entre nós que ética diz respeito a consensos possíveis e temporários entre diferentes agrupamentos sociais, que embora possuam hábitos, costumes e moral diferentes, e mesmo divergindo na compreensão de mundo e nas perspectivas de futuro, às vezes conseguem estabelecer normas de convivência social relativamente harmoniosas em algumas questões. É isso que denominamos ética.

*Médica, assistente do Programa Saúde Reprodutiva da Mulher Negra do CEBRAP.

¹. GARRAFA, Volnei: "Bioética, Saúde e Cidadania", IN *Saúde em debate*, nº 43/junho 94, pp. 53 a 59.

Vemos pois, na atualidade, a velha ética patriarcal e aristotélica perder a sua cara de "religiosidade" e ser desencastelada dos sótãos da Filosofia para tentar responder a conflitos laicos e do cotidiano das pessoas, assim como para ajudar a desenhar normas e compromissos capazes de delinear, dentre outras coisas importantes, inclusive a não extinção da espécie humana.

"Vivemos tempos de biopoder, de monopólio do saber tecnocientífico, de industrialização e mercantilização da vida, época em que as manipulações genéticas bioengenheiradas romperam as fronteiras entre as espécies e não temos o menor indício se as esperanças e os possíveis benefícios dessas 'coisas novas' na medicina, na pecuária e na agricultura, compensam os riscos ecológicos de tudo isso.

Tantas agressões à natureza ocorrem em sociedades classistas, machistas, racistas e ideologicamente eugênicas, cujo modelo de ser humano desejado, bom, belo, inteligente... perfeito, deve possuir a estética branca e onde as mulheres em geral nada mais são que um 'mal necessário'".²

Foi em meio a essas constatações e discussões que se configurou um novo campo de ação e reflexão denominado bioética, a ética da vida, hoje conceituado como o veio semântico e o *locus* epistemológico que visa estabelecer um novo contrato social entre sociedade, cientistas, profissionais de saúde e governos. Baseada no pluralismo e possuidora de múltiplas faces, a bioética hoje é: uma disciplina na área da

². OLIVEIRA, Fátima: "Bioética: novo espaço para a luta anti-racista", *IN BRIO*, nº 0, novembro de 1995, p. 5.

saúde; um guia para a legislação (biodireito); um movimento social (movimento bioético) empenhado em resgatar a função social das ciências biológicas e organizar os embates pelo direito de a sociedade exercer controle social e ético sobre os saberes e poderes da biologia quanto aos temas dos direitos reprodutivos (concepção, contracepção, aborto, infertilidade e novas tecnologias reprodutivas conceptivas - NTRc); sexualidade; saúde mental; doentes terminais; eutanásia e engenharia genética.

O objetivo geral da bioética é a busca de benefícios e da garantia da integridade do ser humano, tendo como fio condutor o princípio básico da defesa da dignidade humana.

"O ético é aquilo que além de bom é o melhor para o ser humano, em um dado momento. O pensamento bioético de origem laica (elaborado pelas corporações da área de saúde) e o de origem religiosa (elaborado principalmente pela Igreja Romana) construíram os princípios que procuram garantir o 'bom e o melhor' para o ser humano.

A 'bioética' laica possui, como princípios que orientam sua ação, a autonomia ou o respeito à pessoa; a beneficência, a justiça e a alteridade³. A estes princípios, a 'bioética religiosa' agrega outros, que são: a sacralidade e a natureza da vida humana; o homem senhor da natureza; as relações homem X natureza; o respeito à totalidade; o

³. Alteridade - (do latim, *alter*: o outro) significa o respeito pela outra pessoa; colocar-se em lugar da outra pessoa. Refere-se ao respeito a um outro *ponto de vista*, à visão da outra pessoa, com toda a amplitude do que quer dizer "*ponto de vista*" - a visão que alguém tem das coisas e de vida, a partir de um determinado lugar no qual ela se encontra. "Ponto de vista" é a visão que alguém possui a partir de um ponto determinado.

O princípio/critério da alteridade para a bioética é polêmico no mundo. No Brasil foi desenvolvido em profundidade por Francisco de Assis Correa, em sua obra *A Alteridade como Critério Fundamental e Englobante da Bioética*. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1993.

Feminismo, luta anti-racista e bioética

princípio do duplo efeito e os meios ordinários e extraordinários de garantir a saúde e a vida".⁴

Embora a bioética seja o campo epistemológico e o movimento social mais diretamente vinculado ao combate à eugenia e trate amplamente de todas as nuances relativas aos direitos reprodutivos e das questões da sexualidade, anti-racistas e feministas estão quase ausentes das discussões nos fóruns de bioética no mundo, embora sejam setores que desde os anos sessenta desenvolvem duras críticas à forma como a ciência vem sendo realizada! Está explícita a necessidade de o movimento anti-racista e o feminista atuarem na bioética, dentre outros motivos, objetivando superar a velha ética, originariamente racista, machista e até anti-mulher, para assim assegurar a construção de uma ética nova: não sexista, anti-racista e libertária.

Tudo indica que as grandes lutas pelos direitos humanos no próximo milênio serão travadas sob alguns lemas: "nossos genes nos pertencem" e "pela inviolabilidade da identidade genética", portanto os assuntos bioéticos interessam ao conjunto da sociedade.

"É fundamental que os meios acadêmicos tenham esta temática como uma agenda importante. Que os religiosos discutam com sensibilidade e sem dogmatismos os assuntos do nosso tempo. Os partidos políticos devem ser estimulados a compreender que esta é também uma questão política significativa e merecedora de atenção cotidiana".⁵

⁴. OLIVEIRA, Fátima: "Para onde caminha a humanidade sob os signos das bios (tecnologia e ética)?", *IN Saúde em debate*, nº 45/dezembro 94, pp. 32 a 37.

Vale destacar que a reflexão bioética ancorada nos princípios é denominada de corrente principalista e tem por base as discussões sobre bioética realizadas nos EUA, o que

Fica evidente que a bioética não é uma "varinha de condão" pronta para resolver as principais contradições em curso nas sociedades contemporâneas; não é apolítica e tão-somente significa o consenso possível, temporário e mutável entre a moral de cada segmento social, em um momento determinado.

Breve histórico

A interface da bioética com a medicina e as religiões é muito forte e antiga, no que concerne à moralidade da prática médica e das religiões, e isso tem causado grande confusão. Foucault (1977), apropriadamente, destacou a similaridade organizativa e o paradoxo de atuação entre medicina e religião⁶, porém persiste em alguns setores a pretensão de uma fusão entre a ética médica (por parte de setores da medicina) e a moral ou prática religiosa (por parte de algumas religiões) com a bioética.

Cabe aqui desfazer tal *imbroglio*. A ética médica trata do fazer profissional, da relação médico/clientela e da moralidade das pesquisas no cotidiano. Religião é uma questão de fé. É direito fundamental da pessoa poder ter ou não uma religião, e é uma questão do seu foro íntimo seguir a moralidade de sua religião ou não.

equivale dizer que é de inspiração anglo-americana. Tal visão, embora detenha a hegemonia na bioética, não é "adotada" por todas as correntes de pensamento, e, mesmo entre principalistas (defensores de princípios para a bioética) apresenta diferenças de abordagem. Ou seja, existem diferentes modelos de análise teórica que tentam responder aos pressupostos dos fundamentos da bioética.

⁵. Idem.

⁶. "Os anos anteriores e imediatamente posteriores à Revolução viram nascer dois grandes mitos, cujos temas e polaridades são opostos: mito de uma profissão médica nacionalizada, organizada à maneira do clero e investida, ao nível da saúde e do corpo, de poderes semelhantes aos que este exercia sobre as almas; mito de um desaparecimento total da doença numa sociedade sem distúrbios e sem paixões, restituída a sua saúde de origem". (FOUCAULT, M: *O Nascimento da clínica*, Rio de Janeiro, Forense, 1977.)

Feminismo, luta anti-racista e bioética

"A bioética refere-se aos assuntos gerais da saúde, da pesquisa à qualidade do atendimento nas instituições, da atenção profissional até às definições das pesquisas. Ou seja, trabalha com o cotidiano e as perspectivas de futuro".⁷

A história da medicina é marcada pela preocupação de que a prática terapêutica (a arte de curar) não cause malefícios e que os benefícios (devolução e manutenção da saúde) possam ser sempre a face da prática médica.⁸

Thomasma (1993) afirma que a bioética, há pouco mais de um século, vem sendo ministrada por teólogos católicos nos centros médicos católicos e que muitos dos deveres para com a vida que a bioética defende têm suas origens na tradição judaico-cristã: *"a vida como um dom de Deus que deve ser cuidado e preservado"*.

Outros referem-se ao aparecimento da bioética atual como parte da luta pelos Direitos Humanos no pós II Guerra. Essa análise compreende que o direito, muito mais que a biologia, deu maiores contribuições ao desenvolvimento da bioética. Sabemos que durante a II Guerra alguns países, dentre eles a Alemanha e o Japão⁹, realizaram inúmeras experiências em

⁷. OLIVEIRA, Fátima: "Para onde caminha a humanidade sob os signos das bios (tecnologia e ética)?", IN *Saúde em debate*, nº 45/dezembro 94, pp. 32 a 37.

⁸. Vejamos alguns documentos históricos que corroboram essa afirmativa: **Código de Hammurabi** (rei da Babilônia, 1728-1686) é um conjunto de leis regulamentadoras da vida social, econômica e política. Abordou o salário mínimo e a responsabilidade profissional, indicando prêmios ou sanções, de acordo com o sucesso ou insucesso dos tratamentos; **Juramento de Hipócrates** (c 460-c 355 aC), fisiologista grego, Pai da Medicina, é onde estão inscritas as normas para o exercício da medicina. Foi até o final da II Guerra Mundial o modelo da conduta médica considerada ética. Supunha-se que seus discípulos não burlariam ou trairiam os preceitos hipocráticos. VIEIRA, Sônia e HOSSNE, Saad William: *Experimentação em Seres Humanos*, SP, Editora Moderna, 1ª edição, 1987.

⁹. "Já está comprovado que durante treze anos - desde 1932 até o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o Japão testou armas bacteriológicas, usando seres humanos como cobaias. Segundo os documentos, essa prática aconteceu na Unidade 731 (em Harbin, Manchúria),

seres humanos prisioneiros de guerra e tais delitos "científicos" foram realizados por médicos. Na Alemanha nazista, os campos de concentração tornaram-se laboratórios de pesquisas "científicas", onde o limite era a insensatez. Existem registros meticulosos, e detalhada metodologia de tais atrocidades.¹⁰

Os países vencedores da II Guerra analisaram as denúncias por ocasião do Tribunal de Nuremberg (1946)¹¹, evento que coletou dados suficientes para indicar a necessidade de novos princípios orientadores da experimentação em seres humanos. Assim surgiu o Código de Nuremberg (1947) que consta de dez pontos que definem como ética a pesquisa em humanos, desde que tenha como pilares a *utilidade, a inocuidade e a auto-decisão* da pessoa que participa da experiência. Afirma que nenhuma experimentação poderá visar objetivos políticos, eugênicos ou bélicos e que nenhuma experimentação poderá ser feita sob condições de crueldade e

ocupada pelos japoneses, onde cerca de 3 mil cobaias humanas acabaram assassinadas nestes 'testes'. Os EUA foram acusados de terem usado armas bacteriológicas na Guerra da Coreia (1950-1953)". (OLIVEIRA, Fátima: Engenharia Genética: o sétimo dia da criação, SP, Editora Moderna, 1ª edição, 1995.)

¹⁰. HILL-MÜLLER, Benno: *Ciência Assassina*, Rio de Janeiro, Xenon Editora e Produtora Cultural, LTDA, 1ª edição, 1993.

Em *Ciência Assassina*, o geneticista Benno Müller-Hill diz como o nazismo conseguiu aglutinar cientistas sociais (antropólogos) e da área de saúde (médicos geneticistas e psiquiatras) para o seu projeto de extermínio de raças e etnias que esta ideologia considerava inferiores. Relata com detalhes e documentos governamentais e científicos oficiais as leis eugênicas e as "pesquisas" na Alemanha pré e durante a II Guerra Mundial. Explica como e porque Hitler contou com o apoio da ciência e de cientistas alemães. Prova que a ciência biológica produzida na Alemanha, bem antes de Hitler, já estava convencida da cientificidade da superioridade da raça ariana. O encontro desta "ciência" com os anseios políticos de Hitler é um mero detalhe de uma paixão recíproca, que começou quando Hitler estava preso em Landsberg, em 1923, e leu o livro *A Ciência da Hereditariedade Humana e Higiene Racial*, dos geneticistas Erwin Baur, Fritz Lenz e Eugene Fischer.

¹¹. Tribunal de Nuremberg (1945), iniciado em 20/11/45 e as sentenças foram proferidas em 1º/10/46 (durou 318 dias) - tribunal extraordinário para averiguar os crimes da II Guerra Mundial. A iniciativa foi dos países vencedores. Foram analisados os crimes cometidos contra a humanidade pelo governo nazista. * Hitler cognominou Nuremberg de a "capital espiritual do nazismo".

tortura, pois "os interesses da pessoa devem prevalecer sobre os interesses da ciência e da sociedade."¹²

Thomasma (1993) refere-se ainda a que muitos historiadores datam a origem da *moderna bioética secular* "com o advento da tecnologia do transplante que teve início com o transplante de rim no começo dos anos 60, em Seattle, Washington, EUA (...) Outros sinalizam o trabalho de Joseph Fletcher, Nova York, com a Sociedade de Eutanásia da América e com o treinamento do clero (...) Outros com o julgamento dos médicos da Universidade da Virgínia sobre transplante de um rim, ao qual o próprio Fletcher faz referência. Naquele julgamento aconteceu uma alteração na lei americana de definição de morte, como cessação das batidas cardíacas para cessação das funções cerebrais"¹³.

O marco teórico da bioética atual é 1971, quando o biólogo e oncologista Rensselaer Potter (Universidade de Wisconsin) publicou, em janeiro de 1971, o livro *Bioética: a ponte para o futuro*, no qual dizia que o futuro da humanidade dependeria muito dos biólogos, pois eles seriam os condutores de uma forma mais ética de vida e poderiam garantir que a *big*

¹². As corporações médicas, tradicionalmente, têm dedicado muita atenção às questões éticas e participaram da elaboração de Códigos, Declarações e Procedimentos baseados em princípios universais que orientam a conduta profissional da área de saúde.

*"Em 1962, a Associação Médica Mundial aprovou a Declaração sobre Pesquisas Biomédicas, que foi revisada em 1964 (Declaração de Helsinki), em 1975 (Declaração de Tóquio) e em 1981 (Declaração de Manila) (...) Em 1982, a Organização Mundial de Saúde e o Conselho de Organizações Nacionais de Ciências Médicas elaboraram a Proposição de Normas Internacionais para a Pesquisa Biomédica envolvendo seres humanos. Embora sejam 'aceitos' em todo o mundo, tanto o código quanto as declarações e proposições, não são 'leis', e sim princípios orientadores da conduta nas pesquisas. A partir desses princípios, cada país é livre para fazer as suas leis, civis e penais (...)." (OLIVEIRA, Fátima: *Engenharia Genética: o sétimo dia da criação*, SP, Editora Moderna, 1ª edição, 1995.)*

¹³. THOMASMA, David: "A bioética hoje", *IN O Mundo da Saúde*, vol. 19, nº 1, jan/fev. 1995, pp. 50 a 56.

science resolvesse os quatro *big bioproblemas* (alimentação, saúde, degradação ambiental e crescimento demográfico). Conforme Potter:

"Escolho 'bio' para representar o conhecimento biológico dos sistemas viventes e escolho 'ética' para representar o conhecimento dos sistemas dos valores humanos".

Segundo Warren T. Reich, foi Andre Hellegers (Universidade de Georgetown, obstetra, fisiologista fetal e demógrafo holandês, fundador do *The Joseph and Rose Kennedy Institute for the Study on Human Reproduction of Bioethics* - 01 de julho de 1971) quem usou o termo para aplicá-lo à ética na medicina e nas ciências biológicas.¹⁴

Para Potter, a bioética possuía um sentido macro e com forte conotação ecológica, enquanto que para Hellegers ela dizia respeito especificamente ao ser humano e às biociências humanas. A visão de Hellegers prevaleceu e os centros de bioética esboçaram uma bioética com "cara" exclusiva de disciplina, em detrimento da face bioética movimento social, e circunscreveram-na como "*o estudo sistemático da conduta humana na área das ciências relativas à vida e dos cuidados com a saúde, na medida em que esta conduta é examinada à luz dos valores e princípios morais*" (Encyclopedia of Bioethics).¹⁵

Para Maurizio Moro, filósofo e bioeticista italiano, diretor da Sociedade Mundial de Bioética e do Centro de Pesquisa e Formação em Política e Ética, o surgimento da

¹⁴. Dados do *Hastings Center Reporter*, vol. 23, nº 06, nov.dez/93, citado IN BARCHIFONTAINE, Christian de Paul e PESSINI, Léo: *Problemas atuais de bioética*, SP, Edições Loyola, 2ª edição, 1994.

¹⁵. Conceito citado in CLOTET, Joaquim: "Por que Bioética?", IN *Bioética* revista do Conselho Federal de Medicina. vol. 1, 1993.

Feminismo, luta anti-racista e bioética

bioética deve-se "a uma situação muito prática: a discussão sobre o aborto nos EUA, em seguida ganhou muita força na discussão sobre a questão do direito de viver ou de morrer. Vocês devem lembrar do caso de Karen Quilan, uma moça que ficou anos em estado vegetativo e que comoveu o mundo".¹⁶

Bioética e 3ª revolução da biologia¹⁷

Embora a bioética aborde todos os temas relativos à vida orgânica, parece-me que o aspecto que desperta mais atenção hoje é o referente ao potencial de aplicabilidade tecnológica com capacidade de modificar a vida. Uma evidência disso é o vigor,

¹⁶. Entrevista ao *Jornal do Conselho Federal de Medicina*, Ano X, nº 60, junho de 1995, pp. 8 e 9.

O caso Karen Ann Quilan aconteceu nos EUA nos anos setenta. Trouxe à tona o debate sobre a morte e o morrer e a eutanásia como questões bioéticas importantes. Karen, 21 anos, foi internada em coma (por ingestão de álcool e drogas) na UTI do Hospital Saint Clare (Denville, Nova Jersey), dia 14 de abril de 1975. Foi traqueotomizada e mantida viva através de respiração artificial. Após a declaração que Karen estava em coma vegetativo, um quadro irreversível, os pais dela consultaram o pároco de sua cidade e com a solidariedade dele solicitaram que os "meios extraordinários" que mantinham Karen viva fossem suspensos, a fim de que a natureza seguisse seu curso. No entanto, os médicos que atendiam Karen e a direção do hospital não concordaram. Iniciou-se então uma "briga" na Justiça com grande destaque na mídia. A Justiça autorizou a suspensão dos aparelhos, que segundo os médicos "seguravam" Karen viva. Desligados os aparelhos, ela ainda permaneceu em coma vegetativo durante dez anos (até 11 de junho de 1985)! (Citado IN BARCHIFONTAINE, Christian de Paul e PESSINI, Léo: *Problemas Atuais de Bioética*, Edições Loyola, SP, 2ª edição, 1994.)

¹⁷. **Revoluções na Biologia:** 1ª - *Teoria Celular* - elaborada em 1838 pelo botânico alemão Matias Jacob Schleiden (1804-1881) e em 1839 pelo naturalista prussiano Theodore Schwann (1810-18870); 2ª - *Teoria da Evolução* - elaborada por Darwin/Wallace e teve como marco o ano de 1859, publicação do livro do inglês Charles Darwin "*Origem das Espécies*"; 3ª - *Descoberta da estrutura do DNA* (1953) pela cristalógrafa inglesa Rosalind Franklin (1920-1958); pelo geneticista norte-americano James D. Watson (1928...); físico inglês Francis H. Crick (1918...); físico inglês Maurice H. F. Wilkins (1916...). Os homens receberam o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1962. O Nobel só é concedido aos vivos, por esta razão Rosalind não o recebeu. Ela, em geral, não é citada como co-descobridora da dupla hélice. É o machismo na ciência, pois sabe-se que foi ela quem realizou as pesquisas que demonstraram a estrutura do DNA. Maurice, o seu chefe de laboratório, abandonara naquele período esta pesquisa. Watson e Crick fizeram os modelos, baseados nos raios X de Rosalind. O próprio Watson, em sua livro *A Dupla Hélice*, diz que os últimos raios X que retratavam melhor a molécula foram "conseguidos" por Maurice, sem a permissão dela.

misto de medo e de fascinação, que os debates sobre engenharia genética e as NTRc vêm adquirindo nos meios universitários e na sociedade. A bioengenharia quebrou as relações sociais de relativa e suposta harmonia entre a ciência (comunidade científica¹⁸) e a sociedade.

*"Atualmente o contrato social que intermediava as relações entre ciência X governo X sociedade está superado, é insuficiente e incapaz para apontar soluções para as novas situações colocadas pelo biopoder"*¹⁹.

Os debates mais acalorados sobre a ética da vida apareceram em uma ocasião em que o mundo estava perplexo diante dos protestos do Movimento Hippie; das mobilizações contra a Guerra do Vietnã e as armas nucleares; com o surgimento de movimentos sociais não tradicionais, como o ambientalista, o feminista e o de homossexuais. Data desse período o Movimento Científico Radical, nos EUA e Europa, contexto em que foram sistematizadas as críticas mais coerentes ao método científico reducionista, à institucionalização da ciência sob as rédeas de um Estado explorador.

A comunidade científica na década de setenta saiu na frente, alertando para o fato de que ela estava criando um biopoder temerário e sobre o qual não poderia exercer controle. Naquela ocasião alguns cientistas, em particular da biologia

¹⁸. "A noção de ciência como obra de 'pares' que se correspondem ou comunicam diretamente encontra sua raiz nos séculos XVII e XVIII, época das primeiras organizações científicas, as Academias. A noção de 'comunidade científica' é mais recente e costuma ser associada à profissionalização dos investigadores/cientistas - fenômeno característico do nosso século." (GONÇALVES, Maria Eduarda: "Ciência e Direito: de um paradigma a outro", *IN Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 31, março de 1991, pp. 89-109.)

¹⁹. OLIVEIRA, Fátima: "Para onde caminha a humanidade sob os signos das bios (tecnologia e ética)?", *IN Saúde em debate*, nº 45/dezembro 94, pp. 32 a 37.

molecular, estavam convictos de que a sociedade precisava com urgência abrir mão da atitude de confiança cega na ciência e deveria participar do debate e da elaboração de um novo contrato social entre ciências biológicas, sociedade e governo, e exercer pressão política para que os governos assumissem compromissos éticos e pacíficos na orientação das rotas de pesquisas e na utilização dos saberes.²⁰

A bioética emergiu como campo teórico e movimento social durante uma época de "crise de consciência" na comunidade científica e em outros setores sociais, propondo-se como questionadora e intermediadora dos conflitos entre ciência, sociedade e governos. É o marco histórico do reencontro das ciências biológicas com a Filosofia.

Avalio que a bioética é um instrumento importante para a socialização do debate sobre as tecnociências. Não é simples e nem é fácil para quem não é especialista compreender o que se passa na arena das ciências biológicas, em particular porque a celeridade com que os saberes são gerados é alucinante, assim como são muito rápidas as repercussões das pesquisas básicas na frente industrial e financeira. Tal realidade forçosamente impede que não especialistas percebam quais as dimensões de tudo isso no cotidiano e quais as possíveis perspectivas de futuro para a humanidade, além do que a linguagem científica é cifrada, o que dificulta o entendimento de uma consequência muito direta destes novos saberes, o que é o inquietante recrudescimento das teorias do racismo e do sexismo ditos científicos.

²⁰. **Alertas da comunidade científica:** *Conferência Sobre Ciência e Valores Sociais Flórida*, fevereiro de 1972 - discutiu sobre as relações sociais ciência x povo x governo; *Ansilomar I* - janeiro de 1973 - alertou para os riscos dos trabalhos com DNA; *Conferência de Gordon* - tornou públicos através de carta, para a Associação Nacional de Ciências do Instituto Nacional de Saúde, os riscos das pesquisas. Foi sugerida a criação de um Comitê Acadêmico para analisar a situação e foi indicado para presidi-lo o geneticista norte-americano Paul Berg (inventor do DNA recombinante), que em 24 de junho de 1974 publicou na Science uma carta, que ficou conhecida como A Carta de Berg; *Ansilomar II* - durou seis dias, participaram cientistas do mundo inteiro. Suspendeu a moratória (que durou de julho de 1974 a fevereiro de 1975); liberou as pesquisas e elaborou normas rígidas de segurança para os laboratórios. A partir de então foi grande a repercussão nos meios de comunicação e na sociedade nos EUA e Europa.

Dilemas atuais *versus* futuro da espécie humana

Segundo Bernard (1994), as questões mais candentes de bioética diretamente relacionadas com a 3ª revolução da biologia aparecem no domínio da hereditariedade, da procriação/"reprodução" e saúde mental/sistema nervoso/comportamento.²¹ As principais polêmicas nos domínios hereditariedade e da procriação/"reprodução" se dão principalmente quanto ao diagnóstico pré-natal, à medicina fetal, à contracepção e às Novas Tecnologias Reprodutivas Conceptivas (NTRc).²²

Neste final de milênio estão sendo delineados caminhos que nos levarão a algum lugar no futuro. As bioilhas de edição já existem. A busca da "perfeição" para os "*filhos da ciência/bebês à la carte*", os célebres "*bebês de proveta*", não nos deixa mentir. Sequer imaginamos que tipo de vida os "novos senhores da criação" querem e/ou precisam editar, e nem para quê. Alguém já nos consultou sobre se queremos ser de outro jeito?

²¹. BERNARD, Jean: *Da biologia à ética-bioética*, Campinas, SP, Editorial PsyII, 1ª edição, 1994.

²². "Ora, a palavra reprodução já dá o que pensar. Como diz uma amiga, que tem a mesma mania, Gena Corea, em seu livro *The mother machine*: 'hoje usamos a metáfora de fábrica (reprodução) para descrever a transmissão da vida para a nova geração' (...) Nenhum ser humano é RE-produção. Nenhuma criança é pai novamente, ou mãe novamente. Somos únicos e sermos únicos torna possível a incrível multiplicidade da espécie". (REIS, Ana Regina: "Os esquerdos da procriação - uma conversa vasconça". *Mimeo*. 1994, p. 8)

Procriar, ou como é de uso corrente, apesar de incorreto e inapropriado: **reproduzir** a espécie, é gerar um ser semelhante, uma cópia de si mesmo, com a constituição genética idêntica (reprodução assexuada) ou diferente (reprodução sexuada), mas da mesma espécie.

A procriação/"reprodução" na espécie humana é sempre sexuada e exige a contribuição das células sexuais da mulher e do homem, que na fecundação formam uma única célula. Realmente na reprodução sexuada não ocorre o fenômeno da reprodução. Da união de dois origina-se um outro semelhante, porém diferente. Não se trata da cópia (reprodução), mas de metades diferentes que dão origem a uma terceira personagem, que não é idêntica a nenhuma das duas (procriação).

As biotecnologias bioengenheiradas²³ ou não, são partes centrais do debate sobre a industrialização da vida, as patentes de seres vivos e a biodiversidade.

As manipulações genéticas²⁴ com certeza datam dos primórdios da humanidade e continuaram sendo feitas através de "erros e acertos" até a década de setenta do século XX, pois não conhecíamos "como" elas ocorriam. A partir de 1971, com a "invenção" da primeira técnica de engenharia genética²⁵, passamos a manipular a vida "com conhecimento de causa", embora ainda sejamos ignorantes dos seus efeitos futuros. E hoje a imaginação é o limite para a manipulação da vida.

A engenharia genética integra a III Revolução Industrial e é o seu pólo mais dinâmico. Estamos diante de um dos acontecimentos mais importantes da história da humanidade, com repercussões incalculáveis em todos os setores da nossa vida e de tal forma, e em tamanha profundidade, que podemos dividir a nossa história em pré e pós engenharia genética, pelos impactos e modificações desta biotecnologia na medicina, na pecuária, na agricultura e na vida em sociedade.

As manipulações genéticas bioengenheiradas trazem esperanças e ameaças para a humanidade. Talvez curem inúmeras doenças, ainda incuráveis, sobretudo as genéticas;

²³. Biotecnologia é um conjunto de saberes que possibilitaram ao ser humano elaborar técnicas e processos biológicos que permitem a utilização da matéria viva para degradar, sintetizar e produzir outros e até novos materiais orgânicos. A biotecnologia que manipula (trabalha) as moléculas da vida (os genes) recebe o nome de engenharia genética ou bioengenharia, logo nem toda biotecnologia é engenharia genética.

²⁴. O aprendizado de selecionar animais e plantas e "criar" novas espécies; fabricar pão e cerveja; transformar leite em coalhada e em queijo, uvas em vinho, etc. aconteceram graças às manipulações genéticas. Muitos remédios biológicos (vegetais e animais) são originários do processo paciente de observação, experimentação, "erros e acertos" (tentativas) - da seleção e da escolha dos que se considerava "melhores".

²⁵. O geneticista Paul Berg, em 1971, inventou uma químera, a molécula recombinada de DNA, ao soldar o material genético de um vírus (o SV-40) ao DNA do fago lambda. Surge assim a molécula de DNA recombinante, a primeira técnica de engenharia genética, proeza que conferiu a Paul Berg o Prêmio Nobel de Química em 1980. Com a primeira molécula-químera chegou o fim da fronteira entre as espécies, pelo menos em laboratório.

talvez inventem novos medicamentos mais potentes e até mais "eficazes"; podem "fabricar" alimentos de "proveta", até mais bonitos, gostosos e nutritivos, e em grande quantidade. As ameaças ficam por conta de que ninguém "arrisca" a responder quais os impactos ecológicos dessas coisas na natureza "natural" e para o futuro da espécie humana.

Entender, pelo menos, um pouco de genética é hoje condição absolutamente indispensável para o exercício da cidadania, pois a humanidade vivencia novas situações, problemas, indefinições e soluções, em diversos setores da vida social, científica e política que têm a genética como pano de fundo, ou pelo menos como parte integrante de muitos cenários decisivos.

O Projeto Genoma Humano²⁶ pretende desvendar até o ano 2005 todos os "segredos" contidos nos genes humanos. Antigas pendências, como, por exemplo, a opressão racial/étnica e a de gênero, não foram resolvidas. Ganha corpo a idéia da necessidade de repensarmos qual cidadania é suficiente e capaz de nos assegurar uma boa qualidade de vida e dignidade. Está na ordem do dia que temos de definir com maior precisão qual o futuro que nos interessa.

Vivemos um momento no qual a ciência não é meramente uma explicação da natureza apenas no "mundo das idéias". Suas aplicabilidades tecnológicas (industrialização da ciência) impactam quase todos os domínios de nossas vidas. Assim caiu

²⁶ Projeto Genoma Humano (PGH), uma proposta de pesquisa iniciado em 1990 com o objetivo de mapear e sequenciar todo o genoma do *Homo sapiens* em um prazo de 15 anos. Com custo estimado em 3 bilhões de dólares foi definido em 1986 como um projeto nacional dos EUA e seria desenvolvido pelo DOE (Departamento de Energia) - órgão responsável pela militarização do conhecimento científico e tecnológico do governo norte-americano - e pelo INH (Instituto Nacional de Saúde). Atualmente o PGH é um projeto financiado pelos sete países mais ricos do mundo, o chamado G7 (grupo dos sete): EUA, Japão, Alemanha, Canadá, Grã-Bretanha, Itália e França. Em todos estes países existem laboratórios dedicados às pesquisas do PGH, mas o controle é exercido pelos EUA, país que sedia as pesquisas mais "secretas" e importantes.

Para maior compreensão do PGH ver capítulo 5 de *Engenharia genética: o sétimo dia da criação*.

por terra a pretensa universalidade, a inocência e a autoridade, que por muito tempo acreditou-se intrínsecas à atividade científica.

Há que se ter uma regulamentação pública sobre a atividade e os produtos das práticas científicas. O que, de nenhum modo, significa reeditar o "Processo de Galileu", ou de "Caça às bruxas", e seria catastrófico que toda essa luta se traduzisse em "inocentes/úteis" posturas anticiência e antitecnologia. Trata-se da tentativa de circunscrever os direitos e deveres de cientista e de exigir que o compromisso e a responsabilidade social sejam o esteio de suas atividades. Só assim comunidade científica e sociedade terão resguardadas sua cidadania em plenitude.²⁷

Os direitos e as responsabilidades da sociedade

Diante de uma revolução tecnocientífica tão poderosa, a perplexidade tem sido a atitude mais adotada pelas pessoas. E é a mais perigosa, porque nem ao menos supomos quais os segredos que os laboratórios/oratórios de bioengenharia estão guardando - dos produtos úteis, como alimentos e remédios, até às armas bioengenheiradas. Avaliar os benefícios e os riscos dessas "coisas novas" que os "deuses da ciência" estão "tramando" é quase impossível, porque - além de não sabermos o que eles já descobriram, inventaram e o que já estão fazendo - não há controle social e nem ético sobre tais "novidades".

²⁷. "Vários aspectos das práticas científicas caem hoje sob a alçada da lei. Assiste-se a uma tendência regulamentadora da ciência (atividade e produto) (...) Esta evolução suscita, com freqüência, reações de defesa da parte da comunidade científica (...) Hoje porém, a ciência a par de outras atividades sociais, tornou-se objeto de regulação pública, o que apela ao estudo da matéria regulada e dos impactos da matéria regulada e dos impactos da regulação". (GONÇALVES, Maria Eduarda: "Ciência e Direito: de um paradigma a outro". *IN Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 31, março de 1991, pp. 89-109.)

Outra séria preocupação é que os "donos" desses saberes são os países ricos, os ditos desenvolvidos, que, como sabemos, não são exatamente um "bom" exemplo de preocupações humanitárias e éticas em nenhum setor da vida social, política, econômica. A indagação instigante é: o que eles farão com esse biopoder?

Sabemos que as nefastas intenções dos chamados *sexismo* e *racismo* "científicos" adquirem "fôlego" renovado com estes novos saberes/poderes. A "carteira de identidade genética"²⁸ já é uma realidade. O "certificado" de predisposição genética para a saúde ou para a doença, definindo os genes "bons" e os "ruins", poderá ser um "documento" exigido para a obtenção de emprego! Os testes de DNA, embora sejam muito importantes para a identificação da maternidade e da paternidade, constituem uma tecnologia policial sofisticadíssima e poderosa. É forte a "tentação" de uso destas biotecnologias para fins de eugenia.

Nós, pessoas negras, sabemos que o "desejo" de "melhoramento" físico e mental do *Homo sapiens*, - incentivando a procriação dos "aptos" (leia-se: brancos), limitando, e até excluindo, a procriação dos com "defeitos de fabricação" (leia-se: "não brancos" - judeus, ciganos, indígenas e negros) - tem sido a mais repugnante face, dita "científica", que o racismo encontrou. Isso tem nome, chama-se eugenia. Assistiremos, passivamente, ao retorno das tragédias genocidas, outra vez, travestidas de ciência?

A mídia mundial cotidianamente inunda nossas casas com as "últimas" novidades, de modo que tais notícias possuem espaços cativos na grande imprensa. Há uma deliberada

²⁸. A Inglaterra, desde a década de oitenta, já faz a identificação genética de imigrantes dos países do dito Terceiro Mundo. A impressão digital genética é uma tecnologia policial de última geração e de alto teor de sofisticação. É muita precisa. Na verdade é uma carteira de identidade genética! (OLIVEIRA, Fátima: *Engenharia Genética: o sétimo dia da criação*, SP, Editora Moderna, 1ª edição, 1995.)

propaganda subliminar, que privilegia as benesses e desempenha um papel de embotar o pensamento crítico e especulador.

A sociedade precisa ficar alerta e assumir a responsabilidade de decidir o que é bom e melhor para si. Há um fosso entre a curiosidade de grande parte da comunidade científica e as prioridades da sociedade. Como enfrentaremos tal contradição? Urge que coletivamente possamos encontrar meios que demonstrem que as nossas necessidades, em geral, não são as mesmas que movem a "curiosidade" inesgotável de cientistas.

A bioética hoje

A bioética aspira ser uma reflexão e uma proposta capaz de abarcar todas as vivências e abordar todas os problemas das relações sociais do ponto de vista das especulações filosóficas e procura despertar consciências para que as pessoas reflitam e estabeleçam caminhos que nos conduzam aos comportamentos considerados os "mais éticos".

A bioética já é uma disciplina reconhecida em praticamente todos os cursos de saúde e na maioria dos cursos de humanas das universidades européias e norte-americanas. Nas faculdades brasileiras ainda não é uma disciplina "autônoma", entretanto muitas faculdades de medicina e algumas de filosofia já trabalham com uma carga horária mínima dedicada à bioética. O campo semântico da bioética já está consolidado, bem como a sua institucionalização já é uma realidade.²⁹

²⁹. AIB - *Associação Internacional de Bioética* - realizou o I Congresso Mundial de Bioética, em 1992, em Amsterdan e o II Congresso Mundial de Bioética, em 1994 em Buenos Aires. Está organizando o III, para 1996 em San Francisco; FAB - *The Network on Feminist Approaches to Bioethics* - Rede de Abordagem Feminista sobre Bioética, criada em 1992, conta atualmente com 150 filiadas em 16 países; FELAIB - *Federação Latino-americana de Instituições de Bioética*; *Programa Regional de Bioética da OPS* - Organização Panamericana de Saúde, com sede em Santiago do Chile. "A OPS, no contexto de sua função de cooperação técnica, desenvolverá esforços para difundir, disseminar, motivar e promover a bioética na região". Destacam-se dentre os objetivos: "prestar assessoria e apoio eficiente às atividades no campo da bioética; - identificar

O Movimento Bioético nos anos noventa vive um momento de crescimento admirável no mundo. No Brasil as iniciativas são várias e promissoras³⁰.

A bioética possui caráter multidisciplinar, atua de forma interdisciplinar, logo não estamos diante de um bloco monolítico, e é formada por duas correntes de pensamento: a *biofundamentalista* (adota posturas anticiência e antitecnologia e é contra qualquer manipulação genética) e a *bioliberal* (que defende que tudo o que se sabe fazer deve ser feito). Integram a corrente biofundamentalista os criacionistas (contrários à Teoria

profissionais, centros e instituições que desenvolvam atividades relacionadas com a bioética na AL e Caribe e colaborar com seus planos; - apoiar as atividades de cursos, oficinas e seminários, cujo tema central seja a bioética". (Extraído do Tarjeta de Presentacion do Programa Regional de Bioetica para América Latina y Caribe, septiembre de 1995).

³⁰. **Iniciativas sobre bioética no Brasil:** *Sociedade Brasileira de Bioética*, fundada em 18 de março de 1995, na cidade de São Paulo (entidade organizadora do I Congresso de Bioética da América Latina e do Caribe, 16 a 19 de outubro de 1995, SP, SP); *Núcleo de Estudos da Universidade Católica de Belo Horizonte* - MG (1993), publicou dois números dos Cadernos de Bioética; *Conselho Federal de Medicina* edita, desde 1993, a revista semestral intitulada de Bioética; *Associação Brasileira de Ética Médica*, fundada em 1987, editou em 1992 o INDEX: alerta bibliográfico, especializado em bioética; *Grupo de Bioética*, do Centro de Estudos do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tem promovido debates e jornadas sobre bioética; *Núcleo de Estudos da Universidade de Brasília*, editou um número da revista Humanidades sobre bioética e está implantando um curso de graduação em bioética; *Núcleo da PUC do Rio Grande do Sul*, onde desde 1988 existe a disciplina bioética nos cursos de pós graduação em Medicina; *Alfonsianum*, Instituto de Teologia, publica livros sobre Teologia Moral na América Latina e tem abordado reflexões teológicas sobre bioética. As iniciativas no Rio de Janeiro têm sido desenvolvidas por Fermin R. Scharamm (Fiocruz) e pelo Padre Olinto Pergolaro (UFRJ).

Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde e Bioética, fundado em 1982, edita um boletim mensal (com tiragem de 7000 exemplares) e a revista O Mundo da Saúde, com 10 números anuais. São publicações com grande espaço destinado à bioética. O referido instituto organizou três Congressos Brasileiros de Bioética, cada um com uma média de 250 participantes, cujo público principal do I e do II Congressos era constituído por padres e freiras professores(as) de filosofia das PUCs. O público do III Congresso era mais plural, destacando-se grande presença de estudantes universitários, a maioria alunos(as) das PUCs do estado de São Paulo, profissionais da área de saúde de vários estados brasileiros e feministas.

O I Congresso Brasileiro de Bioética (março de 1993) teve como tema central Os problemas ligados ao início da vida; O II Congresso Brasileiro de Bioética (março de 1994) teve como tema central A morte e o morrer e o III Congresso Brasileiro de Bioética (junho de 1995) teve como tema central Bioética e genética. (Extraído de PESSINI, Léo: "O desenvolvimento da bioética na América Latina: algumas considerações introdutórias", IN *Mimeo*, 1995, p. 16)

da Evolução), setores do Movimento Ecológico, do feminismo e de algumas religiões.

Nas duas correntes existem segmentos buscando uma regulamentação que permita o controle social e ético dessas "coisas novas". Tudo indica que está sendo formada uma nova corrente de opinião na bioética, cuja reflexão/ação baseia-se na crítica a um modelo desumano de ciência e de produção científica, mas esse agrupamento não é anticência e nem antitecnologia.

Considerando-se o poder ou a hegemonia de cada uma dessas correntes e a cultura dominante em cada país, podemos dizer que existem as seguintes Escolas de Bioética:

- "- Escola de Bioética Norte-americana centrada mais na defesa dos direitos pessoais (microbioética - o pessoal/privado: o ser humano);*
- Escola de Bioética Européia - mais preocupada com o resgate da função social das ciências biológicas (macrobioética - o coletivo/público: a humanidade);*
- Escola de Bioética Latino-americana - mais voltada para a defesa dos direitos da coletividade e com 'uma opção preferencial pelos pobres'. Recebe forte influência da Igreja Romana, que juntamente com a presença massiva de profissionais da medicina confere a esta corrente uma aparência de feudo e médico/religioso."³¹*
- Escola de Bioética de inspiração filosófica asiática - começa a desabrochar nos países asiáticos, tendo como base uma compreensão holística da vida e do mundo.*

³¹. OLIVEIRA, Fátima: "Para onde caminha a humanidade sob os signos das bios (tecnologia e ética)?", *IN Saúde em debate*, nº 45/dezembro 94, pp. 32 a 37.

Os debates no feminismo

Considerando-se a pluralidade vigente no feminismo³², evidencia-se que em relação à bioética existem diferentes e até contraditórias abordagens, que ainda estão em processo inicial de discussão, portanto é impossível dizermos que haja uma opinião hegemônica ou representativa do conjunto do movimento. O fato é que existem várias opiniões no feminismo sobre quase todos os assuntos. Sobre bioética as mais visíveis podem ser agrupadas, levando-se em conta os dilemas sobre a autodeterminação e a produção feminista de crítica à ciência, em três blocos distintos: biofundamentalista, bioliberal e de enfrentamento dos problemas atuais e de busca de soluções considerando o contexto em que vivemos.

Cabe destacar que todas, em maior ou menor grau, são marcadas pela ambigüidade, embora estejam pautadas pelo discurso contra o sexismo na ciência. O importante é que todas são feministas e têm como ponto de intersecção a postura contra o sexismo na ciência e o patenteamento de seres vivos.

Em 1984 foi fundada a FINRRAGE (*Feminist International Network of Resistance to Reproductive and Genetic Engineering* - Rede Internacional Feminista de Resistência à Engenharia Genética e Reprodutiva). Trata-se da primeira organização feminista de âmbito internacional para a luta específica contra o vertiginoso desenvolvimento da biologia e áreas afins.

Uma referência importante desses debates nos meios feministas³³ é o *I Congresso da República Federal da Alemanha*

³². O feminismo, embora seja uma concepção geral de luta contra a opressão de gênero, cujo objetivo é assegurar para as mulheres a igualdade nas leis e na vida, não é uma compreensão de mundo monolítica e é um movimento social formado por várias correntes ideológicas e políticas.

³³. Aqui pontuei os momentos que considero mais coletivos, sem a pretensão de dizer que as ações feministas foram apenas as citadas. À título de ilustração, podemos registrar como o

Feminismo, luta anti-racista e bioética

- *Mulheres contra as Tecnologias Genéticas e Reprodutivas*, realizado em abril de 1985 (Bonn), com a presença de 1800 participantes. O II Congresso, realizado em 1988 (Frankfurt), contou com cerca de 2000 participantes. Tanto a FINRRAGE como os congressos citados têm como posição:

*"Não queremos regulamentar a aplicação destas tecnologias, não as queremos de nenhum modo"*³⁴.

Argumentam que:

*"Em geral estas tecnologias são um novo método para dominar o mundo de modo mais efetivo e para controlar ainda mais as mulheres. São parte de um sistema antiquíssimo que se baseia na exploração do homem pelo homem e na subjugação da mulher e dos povos que não pertencem às respectivas raças dominantes (...) As tecnologias genéticas e da reprodução são um ataque específico contra a dignidade humana da mulher e contra seu direito à autodeterminação (...)"*³⁵.

estopim dessas reflexões as lutas pelo direito ao aborto legal e seguro na década de setenta nos EUA, ocasião da definição da palavra de ordem NOSSOS CORPOS NOS PERTENCEM, e a criação do Comitê pelo Direito ao Aborto e Contra a Esterilização (CARASA), em Nova York, em 1977. Em 1978 foi fundada a *Women's Global Network for Reproductive Rights* (WGNRR - Rede Global de Direitos Reprodutivos). Em 1984, durante o I Encontro Regional de Saúde das Mulheres, realizado na Colômbia, foi criada a Rede de Saúde das Mulheres Latino-americana e do Caribe e, em 1991, feministas brasileiras formalizaram a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos.

³⁴. ZIMMERMAN, Beate: "Discurso de bienvenida", **IN** *Mujeres contra tecnologias reproductivas y ingeniería genética*. Ponencias del segundo congreso de feministas en Frankfurt, RFA 28. - 30/10/88. WINKLER, Erika Feyrabend Ute, BRADISH, Paula (ed).

³⁵. STROBEL, Ingrid: "Tecnología genética: instrumento de selección", **IN** *Mujeres contra tecnologías reproductivas y ingeniería genética*. Ponencias del segundo congreso de feministas en Frankfurt, RFA 28. - 30/10/88. WINKLER, Erika Feyrabend Ute, BRADISH, Paula (ed).

Em 1989, a FINRRAGE e a UBINIG - Policy Research for Development Alternative, realizaram a *Conferência Internacional sobre NTRc, engenharia genética e saúde da mulher*, Comilla, Bangladesh, com a presença de mulheres de 30 países, cujas principais definições são as que se seguem:

-A engenharia genética e a engenharia da reprodução:

- São parte de uma ideologia de eugenismo à qual nos opomos. Nessa ideologia, seres humanos são vistos como inerentemente inferiores ou superiores (...) Similarmente, características de animais e plantas são arbitrariamente valorados como desejáveis ou indesejáveis e se tornam sujeitos à manipulação genética;
- São produtos do desenvolvimento da ciência que se baseia na concepção de mundo como uma máquina (...) nós nos opomos a essa dominação patriarcal, industrial, comercial e racista da vida;
- Proclamam a oferta do controle ilimitado sobre todas as formas de vida, mas a manipulação do código genético abre uma situação verdadeiramente incontrolável de genes fugitivos de conseqüências inesperadas;
- Nós acreditamos firmemente que as engenharias genética e da reprodução não podem coincidir com as necessidades das mulheres ou melhorar seu *status* nas sociedades atuais.
- As NTRc são tecnologias perigosas e desumanizantes;
- A discriminação social da mulher é agravada pelas tecnologias de determinação e da pré-seleção do sexo, resultando numa proporção entre os sexos crescentemente adversa em alguns países. Exigimos a proibição da aplicação dessas tecnologias.
- Somos contra o tráfico nacional e internacional de mulheres, órgãos humanos, óvulos, embriões, células ou DNA (material genético), especialmente para fins de prostituição reprodutiva que explora mulheres como incubadoras humanas... Nós protestamos firmemente também contra a existência de 'fazendas de bebês' e agências de adoção e de maternidade de aluguel.

Feminismo, luta anti-racista e bioética

- Exigimos pesquisas sobre a prevenção da infertilidade, assim como o fim da estigmatização das inférteis. A infertilidade precisa ser reconhecida como uma condição social e não como uma doença.
- Somos contra a liberação deliberada de organismos bioengenheirados, em virtude dos efeitos imprevisíveis e irreversíveis para o nosso meio ambiente e nossa saúde.
- Nós rejeitamos rigorosamente quaisquer leis que permitam patenteamento de formas de vida e de processos que as utilizem.
- A impossibilidade de controle democrático da engenharia genética no nível nacional e internacional nos leva a rejeitar todas as formas de engenharia genética.
- As tecnologias devem ser condizentes com o processo coletivo de decisões e ao controle e participação democrático.³⁶

De 01 a 06 de outubro de 1991 realizou-se, no Rio de Janeiro, a *Conferência Internacional Mulher, Procriação e Meio Ambiente*, com a participação de 280 mulheres de 39 países da Europa, Ásia, África, América do Norte, América Latina e Oceania. Esse evento foi promovido pela REDEH (Rede de Defesa da Espécie Humana, sediada no Rio de Janeiro) e apoiado pela FINRRAGE.

Essa conferência foi definida como uma continuação da Conferência de Comilla/Bangladesh e um momento de preparação para a reunião de Miami (*Mulheres por um Planeta Saudável*) e para a ECO-92. Os conteúdos temáticos versaram sobre: Direitos Reprodutivos (NTRc, industrialização da vida: engenharia genética); sexualidade e fertilidade; meio ambiente e população; cultura e nova ética e necessidades básicas.

"De 8 a 12.11.91 aconteceu em Miami o Congresso de Mulheres por um Planeta Saudável,

³⁶. Dados extraídos da Declaração de Comilla, 25 de março de 1989.

evento organizado pelo IPAC (International Policy Action Committee) e integrou os preparativos das feministas para a ECO-92. Para ilustrar o estágio em que se encontram as discussões no feminismo, vamos citar alguns trechos do documento elaborado durante esse congresso, com proposta para a Agenda 21 sobre Biotecnologia e Biodiversidade.³⁷ 'Somos contrárias à utilização da Engenharia Genética na agricultura e à liberação de organismos geneticamente manipulados no meio ambiente...'

Solicitamos:

'A regulamentação imediata das pesquisas e desenvolvimento em biotecnologias e que um conselho da sociedade civil, assessorado por cientistas independentes, seja incluído no processo de revisão e aprovação pelos governos de todas as biotecnologias...'

Recomendamos:

'Uma avaliação das novas biotecnologias para saber se são apropriadas e sustentáveis para os seres humanos e meio ambiente ... Vamos trabalhar pela proibição da utilização do hormônio do crescimento bovino em bovinos, por um boicote contra todos os produtos que contenham o hormônio BST... Pedimos uma redefinição da Biologia que priorize a conservação e a ecologia e impeça a tendência de um método reducionista a nível

³⁷. Contou com 1400 participantes, de 87 países. Do Brasil participaram 20 mulheres.

genético e molecular, que invalida a primazia dos organismos e eco-sistemas'."

Participação das mulheres na ECO 92.

Paralelamente à ECO-92, estruturou-se o Fórum Global, uma conferência paralela que reuniu a sociedade civil organizada. Nesse espaço foi instalada a tenda do Planeta Fêmea, onde cerca de 1,5 mil mulheres de todo o mundo finalizaram a elaboração, após mais de 200 horas de debate, da Agenda 21 das mulheres. Também se aprovaram dois tratados e uma declaração, cujas resoluções denunciam que o uso do corpo das mulheres como cobaias tem sido uma constante histórica universal.

"O direito das mulheres de controlar suas escolhas de vida é a base e o fundamento de toda e qualquer ação referente à população, meio ambiente e desenvolvimento (...) Rejeitamos e denunciemos toda e qualquer forma de controle do corpo da mulher por governos e instituições internacionais(...) Reivindicamos que a experimentação científica relativa à reprodução, particularmente no campo da engenharia genética e da contracepção seja transparente e reflita as preocupações das mulheres, bem como os critérios éticos inerentes à defesa da espécie humana e dos direitos humanos" (Extraído do "Tratado das ONGs sobre População, Meio Ambiente e Desenvolvimento", Fórum Global, RJ, junho/92)."³⁸

³⁸. OLIVEIRA, Fátima: *Engenharia Genética: o sétimo dia da criação*, SP, Editora Moderna, 1ª edição, 1995.

Reis (1994) opina que:

"A manipulação genética, expressão máxima da arrogância e do autoritarismo da ciência da utilidade, crê ser possível 'melhorar' a natureza, alterando o código genético dos seres vivos, que levou bilhões de anos acumulando tentativas, com erros e acertos que alguma lei natural regulou".³⁹

Laborie (1993) afirma que:

"Hoje em dia, principalmente nas sociedades ocidentais, o biopoder, que é politicamente regulado, aplica-se a um campo mais amplo - o das biotecnologias, entre as quais se situam as tecnologias de reprodução animal e humana".⁴⁰

Ao analisar as posições feministas sobre as NTRc, Laborie classifica-as em 1º e 2º tipos. Nas de primeiro tipo, a oposição deve-se a razões de princípio, ao entendimento de que por ser uma prática excessivamente medicalizada e dominada por homens é evidente o aumento do poder masculino sobre o corpo feminino; criticam o estilo sensacionalista da publicidade sobre a "eficácia" e as benesses das técnicas, mascarando o caráter de experimentação em humanas que elas possuem. Nas de segundo tipo, as feministas reivindicam o controle das NTRc pelas mulheres como ferramenta de combate ao patriarcado; criticam a organização social das NTRc que exclui as mulheres e promove a família nuclear heterossexual como o único modelo ideal para o

³⁹. REIS, Ana Regina: "Os esquerdos da procriação - uma conversa vascaína", *Mimeo*, 1994, p. 8.

⁴⁰. LABORIE, Françoise: "Novas Tecnologias Reprodutivas: risco ou liberdade para as mulheres", *IN Estudos Feministas* 245, nº 2/93, RJ, pp. 435-448.

desenvolvimento da criança, no entanto consideram que nesse assunto o fundamental é garantir a autonomia e a liberdade das mulheres.

Conforme Rotania (1994):

"Em função de uma avaliação bastante inicial, seria possível distinguir três tendências de reflexão feminista:

a. aquela que Laborie chama de segundo tipo, uma espécie de delírio tecnocrático onde a utopia reside na instrumentalização técnica das mulheres controlada pelas próprias mulheres, posição que me resulta indefensável;

b. a atitude de avaliação dos 'riscos e benefícios' expressos em diversas modalidades críticas em uma espécie de alerta ou vigília sobre os desdobramentos negativos das NTRc sobre as mulheres, seja ao nível da saúde ou em relação à situação social, cultural ou política;

c. uma atitude de recusa de enfileirar-se nesta segunda perspectiva a partir de uma rejeição, massiva e pública, dado não se acreditar na possibilidade de um controle social e político sobre as mesmas".⁴¹

Para Rotania, a segunda rota de análise é atualmente hegemônica no pensamento feminista.

"Uma interrogação que formulo é se essa vertente - a da avaliação dos riscos e benefícios das NTRc genéticas e seus fundamentos - é suficiente para

⁴¹. ROTANIA, Alejandra Ana: "A genética e a reprodução humana: dilemas para o feminismo a partir da ética da responsabilidade", *Mimeo*, 1994, p. 19.

enfrentar os desafios éticos do desenvolvimento científico e tecnológico na área da reprodução humana. Seria necessário (e possível) deslocar as matrizes originárias do pensamento feminista predominante em busca de outro paradigma que acolhesse filosoficamente as profundas mudanças ocorridas?"⁴²

Ciência, ideologia, gênero, racismo e bioética

Originárias da tradição filosófica grega, as ciências biológicas herdaram de Platão a idéia que as mulheres eram a segunda encarnação dos homens que na primeira encarnação se comportaram de forma malvada ou covarde; de Aristóteles que dizia que as mulheres não eram portadoras de alma. As idéias de Platão e de Aristóteles são similares à lenda bíblica que diz que Eva nasceu de uma costela de Adão. Essas idéias permaneceram praticamente intocadas durante toda a Idade Média.

Opiniões "científicas" sobre as mulheres

A menstruação desenergizava as mulheres; o corpo feminino era "governado" pela "mãe do corpo" (o útero) e a frenologia dizia que o cérebro feminino era menor que o masculino e quase inútil; a *Teoria dos Instintos* conferia às mulheres uma natureza "animalesca".

Hoje, a endocrinologia afirma que as mulheres jamais fugirão da "prisão hormonal" e a neurologia às vezes tenta fazer da diferença biológica uma "jaula para o instinto feminino". Conforme a produção "científica" de diferentes épocas, as

⁴². Idem.

mulheres foram taxadas de "desalmadas", "desenergizadas", "desumanas", "históricas" e "animalescas". Agregue-se a tudo isso a moderníssima simbologia da equivalência mulher=natureza, que traz à tona as "semelhanças" da mulher com a natureza, ambas fêmeas, "prontas" para serem dominadas!

Cabe destacar aqui que a naturalização do ser mulher, do ser negro e do ser indígena confere às mulheres, aos negros e aos indígenas uma identidade construída historicamente tomando por base as diferenças biológicas, porém não há uma identidade feminina universal. Apenas as mulheres compartilham a opressão de gênero, assim como negros e indígenas têm em comum a opressão racial/étnica. Isso evidencia que a circunstancialidade de classe não deve ser esquecida quando se analisa a feminilidade, a negritude, etc.

Sabemos qual o significado biológico de sexo e do fenótipo das pessoas; que gênero e o pertencimento a um dado grupo populacional tido como racial ou étnico são realidades históricas, no entanto faz-se necessário separar a existência biológica da mulher, de indígenas e de negros das do fenômeno sociológico gênero ou pertencimento/identidade a um grupo submetido à opressão racial/étnica. Homens brancos inscrevem-se nos marcos da cultura, pois são tidos como seres culturais, já que a cultura permite autonomia e mutabilidade. Mulheres, negros e indígenas são tidos como seres "naturais", já que tal condição permite circunscrevê-los nas condições de subordinação/opressão eterna! As mulheres brancas, com muita boa vontade, pertencem, concomitantemente, à natureza e à cultura, mas negros e indígenas (mulheres e homens) são iguais à natureza selvagem, equivalem aos animais (vide a associação de negros a macacos).⁴³

⁴³. SUÁREZ, Myreia: "Desconstrução das categorias 'Mulher' e 'Negro'", *IN Série antropologia* 133. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1992, p. 26.

"As mulheres, os negros e os indígenas, até hoje, são consideradas(os) inferiores, por parcela significativa da comunidade científica (The Bell Curve comprova isso). Historicamente foram barradas(os), ou tiveram o acesso dificultado aos centros de produção do saber formal, institucionalizado. Hoje, quando freqüentar universidades parece não ser tão difícil para muitas mulheres brancas, mas para negras ainda é difícilimo, tornar-se cientista é quase impossível, para as mulheres em geral, na mesma proporção em que para os homens, brancos ou negros, é mais fácil"⁴⁴.

Pelo exposto, constata-se que a ciência é uma construção social e como tal não poderia deixar de estar impregnada das idéias da opressão de gênero e do racismo. As instituições produtoras de ciência ainda são dominadas por homens. Os veios de pesquisa não são neutros quanto ao recorte de classe, de gênero e de raça/etnia e a definição do que pesquisar em geral está atrelada às necessidades de quem financia "aquele" conhecimento.⁴⁵

⁴⁴. OLIVEIRA, Fátima: "Expectativas, falências e poderes da medicina da procriação X opressão de gênero, racismo, ciência, ideologia e bioética". Texto elaborado para o Seminário Gênero, Ciência e Tecnologias Reprodutivas, apresentado na mesa As NTRc: implicações sociais, éticas e na saúde, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, SP, 14 a 17/03/95. *Mimeo*, p. 20.

⁴⁵. "O estereótipo do cientista, ser racional que, recorrendo a procedimentos lógicos, busca sempre a verdade, busca sempre e só a verdade das coisas, exterior à e independente da realidade que analisa, e a representação da ciência como conhecimento das leis objetivas da natureza, têm sido rejeitados pela sociologia e pela filosofia da ciência." (GONÇALVES, Maria Eduarda: "Ciência e Direito: de um paradigma a outro", *IN Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 31, março de 1991, pp. 89-109.)

Um outro aspecto gritante é o que o número de mulheres e pessoas de qualquer etnia discriminada que consegue fazer ciência é reduzido. Nos moldes como a sociedade contemporânea está organizada os mecanismos de barragem das mulheres e de "não-brancos" no mundo da ciência são densos e quando essas pessoas conseguem "pular" o cerco enfrentam inúmeros problemas. Em geral são silenciadas e invisibilizadas.

Epistemólogas feministas têm se debruçado sobre os mitos e as místicas que pairam sobre a presença/invisibilidade das mulheres que fazem ciência e os estereótipos sobre as mulheres na produção científica. Fox Keller, na biografia que fez de Barbara McClintock, retrata a dualidade do sucesso e da marginalidade dessa cientista⁴⁶. Diana Maffia afirma que:

"O conhecimento é uma relação do sujeito com o mundo. Especificamente uma relação epistemológica. A pergunta acerca de quem é o sujeito da ciência não é, à rigor, uma pergunta epistemológica, mas bem mais metafísica ou antropológica, no entanto a resposta poderá ser relevante na hora de se avaliar a legitimidade dos sistemas de conhecimentos construídos a partir dessa relação".⁴⁷

Temos problemas e problemas em relação à atitude de certos setores da comunidade científica para com as mulheres e "não-brancos", assim como sabemos que o enfrentamento das dificuldades cotidianas é cruel, inclusive quanto a demonstrar "capacidade". Enfrentar face à face tal situação exige que

⁴⁶. KELLER, Evelyn Fox: *Reflexiones sobre género y ciencia*, Edicions Alfons el Magnànim - Institució Valenciana D'Estudis y Investigació, 2ª edicion, 1991.

⁴⁷ MAFFIA, Diana: "Feminismo y epistemología: tem sexo el sujeto de la ciencia?", IN *Feminaria*/vol.10.13, Buenos Aires, Argentina.

lutemos pela reorientação da produção científica, priorizando a sua função social com uma perspectiva de gênero e anti-racista.

Necessitamos: criar condições para que mais mulheres e pessoas de raças/etnias discriminadas possam "fazer ciência". Essa meta exige também que disseminemos a consciência feminista e anti-racista.

Já detectamos os principais problemas existentes na ciência e até seus "defeitos de origem". Somos contrárias às deturpações sexistas e racistas ainda vigentes na orientação e na produção científica.

"Isso não é a mesma coisa que dizer que não precisamos ou não queremos nenhuma ciência. Todas as pretensões (e não foram poucas!), de levar a 'ciência em bloco ao pelourinho' jamais resultaram em algo bom, bem como dizer que nenhuma ciência nos serve é uma idéia que só poderá ser compreendida como um ponto de vista de recusa de enfrentar os desafios contemporâneos (...)"⁴⁸.

E para concluir, alguns lembretes/indagações:

Constata-se que a revolucionarização da medicina preventiva (ou de previsão?) poderá se constituir em abuso/invasão da privacidade. Estaríamos entrando na era da discriminação genética institucionalizada? Quais as vantagens e as desvantagens de uma carteira de identidade genética?

A desprivatização da identidade genética das pessoas poderá acarretar: aumento do valor dos seguros de vida e de

⁴⁸. OLIVEIRA, Fátima: "Expectativas, falências e poderes da medicina da procriação X opressão de gênero, racismo, ciência, ideologia e bioética". Texto elaborado para o Seminário Gênero, Ciência e Tecnologias Reprodutivas, apresentado na mesa As NTRc: implicações sociais, éticas e na saúde, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, SP, 14 a 17/03/95. *Mimeo*, p. 20.

saúde (os valores dos seguros de vida e de saúde são definidos em função da taxa de mortalidade e morbidade geral da sociedade), bem como o aumento do poder das instituições públicas e privadas sobre as pessoas.

Vivemos em uma sociedade que cultua o individualismo e a obsessão pela "perfeição". Mas o que é a perfeição da qual tanto falam, a não ser algo subjetivo calcado em valores culturais e ideológicos distintos?

Existem indagações e aprendizados que a humanidade terá de fazer:

- A transgressão do acaso da natureza nos beneficiará mesmo em quê?
- Como lidaremos com o mapa genético de uma pessoa? Ele é ou não inviolável, enquanto informação? Quem terá acesso a ele? Quando e por que este sigilo poderá ser violado? O que é o direito à privacidade genética?
- Como conviveremos com a predisposição biológica, sem entendê-la como uma fatalidade inevitável, em meio às perspectivas de "mil e uma discriminações"? Quais as prováveis modificações que aparecerão no mercado de trabalho, na escola, na família, na vida afetiva e em todas as relações sociais?
- Qual é mesmo o significado dos "filhos da ciência/bebês à la carte" - que devem trazer em sua constituição biológica o selo do controle de qualidade laboratorial do *Homo sapiens* - em um mundo no qual, há pelo menos três décadas, é corrente o discurso que "há gente demais e que no planeta não cabe mais gente"?

FEMINISM, ANTI-RACIST STRUGGLE AND BIOETHICS

Abstract

In the last three decades ethics of life, named bioethics, have been established as a multi and interdisciplinary field and also as a social movement. In this article we make a bioethics overall approach — its principles, historic, themes — emphasizing the current dilemma versus human species future; society rights and responsibility; debates within feminism and some considerations about science, ideology, gender, racism and bioethics.